

Produtor de leite Paulo Rita

A voz dos agricultores passa “despercebida” na comunicação social e na governação açoriana

Apesar do momento de tensão que hoje se vive, quase palpável, aqueles que se encontram ligados ao sector da agro-pecuária continuam a laborar diariamente com o intuito de continuar a colocar alimentos e bens de primeira necessidade na mesa de todas as famílias açorianas. Conscientes desta missão, também os lavradores têm os seus receios, uma vez que a transmissão do novo coronavírus poderia significar a paralisação de vários produtores, colocando em risco os animais, as receitas e o objectivo ao qual se dedicam arduamente.

Nos tempos em que os efeitos da pandemia provocada pela propagação do novo coronavírus se continuam a fazer sentir no quotidiano da população, um dos sectores que não pode baixar os braços é o sector da agro-pecuária, fazendo assim com que todos os lavradores açorianos (e não só) continuem a trabalhar activamente mesmo partilhando das preocupações que hoje tomam lugar na sociedade.

Por mais normal que tentem levar os seus dias, há uma parte dos lavradores que procura apenas passar o tempo estreitamente necessário nas suas explorações, como é o caso de Roberto Ponte, que diz apenas sair de casa para “tratar dos animais, tirar-lhes o leite” e para adquirir material que seja necessário.

Apesar do esforço diário, quer faça chuva quer faça sol, este produtor afirma que neste momento de pandemia, em que muitas são as preocupações da população em geral, “as pessoas nem têm tempo para pensar no nosso valor”.

A prioridade das pessoas, conforme explica, passa em primeiro lugar por “encher as despensas e por se fecharem em casa, por se protegerem a si”, adiantando que “no caso das explorações leiteiras as pessoas nunca reconheceram o valor da agricultura que é essencial para a alimentação humana”.

Neste sentido, e não só em momentos de crise como o que hoje se vive, é importante que a população “dê importância à agricultura, à pecuária e aos bens essenciais, sem desvalorizar quem está na primeira área de produção”.

Preparando-se para a eventualidade de o coronavírus atingir também aqueles que estão na linha da frente no que diz respeito à pecuária, o Presidente da Associação Agrícola de São Miguel anunciou a criação de equipas de prevenção que possam ajudar as famílias ligadas ao sector agrícola num momento mais difícil.

Assim, a ideia passa por reunir trabalhadores ligados a várias áreas da pecuária, “que sabem como se alimenta e como se ordenha”. No entanto, Jorge Rita salienta que a equipa prevista tem capacidade para ajudar um número reduzido de produtores, e que no caso de muitos mais produtores serem infectados ou necessitarem de ficar em quarentena, será necessário agilizar soluções maiores e mais eficazes com o auxílio do Governo Regional dos Açores.

Apesar de considerar que o termo “piquete” é desadequado, para Jorge Rita, respon-



Lavrador Aristides Silva



João Vidal, veterinário da Associação Agrícola

sável pela Associação Agrícola, a realidade é que “as vacas não podem deixar de ser ordenhadas” e alimentadas.

“Não é fácil ser substituído”

Contudo, Roberto Ponte é um dos lavradores que considera que a haver a necessidade de outras pessoas tomarem conta de uma exploração devido ao novo coronavírus, “ninguém vai saber fazer o trabalho que cada um faz na sua terra. Os animais habitam-se às pessoas, há que saber onde estão os alimentos das vacas e há todo um maneiço que só a pessoa que trabalha diariamente na exploração é que sabe”, diz.

Adianta ainda que “não é fácil ser substituído”, uma vez que no sector da pecuária acresce ainda a dificuldade em encontrar a mão-de-obra necessária, excluindo também a criação de equipas compostas por pessoas que não estão habituadas a este tipo de trabalho, “porque para além de não perceberem nada sobre o assunto, também não querem correr riscos”.

Por seu turno, conforme refere João Vidal, médico veterinário que mesmo em quarentena acompanha de perto as lutas por que passam os profissionais do sector da agro-pecuária,

Roberto Ponte é um dos lavradores que considera que a haver a necessidade de outras pessoas tomarem conta de uma exploração devido ao novo coronavírus, “ninguém vai saber fazer o trabalho que cada um faz na sua terra. Os animais habitam-se às pessoas (...) e há todo um maneiço que só a pessoa sabe como fazer..”

“é impossível alguém imaginar que as vacas possam deixar de ser ordenhadas duas vezes todos os dias e que possam deixar de ser alimentadas como são e como foram durante toda a sua vida”.

Assim, acredita que ao ser contaminada uma família de produtores, aqueles que lhes são mais próximos, como vizinhos, amigos, conhecidos ou a própria associação agrícola, conforme anunciado, “terão que se organizar” para acudir em caso de contágio.

“Se não tratarem das vacas os agricultores não conseguem tirar o seu rendimento. Independentemente de serem ordenhadas todos os dias ou não, as vacas têm que ser alimentadas, se não foram ordenhadas acabam por apanhar doenças em que ficam completamente desvalorizadas e podem até morrer”, explica o médico veterinário.

Caso este cenário negro ocorra, e apesar de não desvalorizar a situação que decorre actualmente relacionada com o vírus, João Vidal afirma que “a verdadeira tragédia ocorrerá quando um dia houver a impossibilidade de os agricultores trabalharem e de produzirem bens de consumo”, uma vez que à semelhança de outras profissões importantes, também os agricultores são essenciais na sociedade, embora nem sempre o entendam.

“A vida dos agricultores, ao longo do tempo, sempre foi alimentar as populações e as aldeias, eles é que muitas vezes não sabem a importância que têm, nem atribuem essa